

Adriele Machado Cassiano

Ativismo a partir das redes sociais

CELACC / ECA - USP

2011

Adriele Machado Cassiano

Ativismo a partir das redes sociais

Artigo científico apresentado para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

CELACC / ECA – USP

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao orientador Prof. Dr. Dennis de Oliveira, pela atenção dada para me instruir, da melhor forma possível, a executar este artigo científico.

Às grandes e instigantes aulas durante o curso, que contribuíram para o meu crescimento intelectual, pessoal e profissional.

Aos meus colegas de sala, pelo apoio e troca de informações.

À minha família e ao meu namorado, Yuri Ferreira, que estiveram sempre ao meu lado, incentivando-me nos estudos.

A todos que me ajudaram direta ou indiretamente a concluir este trabalho.

Agradeço a Deus por tudo!

ATIVISMO A PARTIR DAS REDES SOCIAIS

Adriele Machado Cassiano¹

Resumo: Apesar de vários pensadores considerarem a internet um meio que isola o indivíduo, nos últimos anos, este meio de comunicação foi utilizado para unir as pessoas em prol de um mesmo ideal através das mobilizações sociais. Na sociedade em rede, que utiliza como ferramenta principal a internet para se comunicar e se organizar, a informação é produzida e disseminada democraticamente. Aparelhos móveis, como *notebooks*, celulares e *tablets*, e redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, são instrumentos que facilitam a ação de ativismos, ao atingirem de forma instantânea e simultânea um grande número de internautas. Na Era da Tecnologia da Informação, as redes sociais são pontos iniciais para as mobilizações sociais.

Palavras-chave: Ativismo; mobilização; redes sociais; sociedade em rede.

Abstract: Although many thinkers consider internet something which isolates people, this means of communication has been used lately to join people with the same ideals with social mobilization. In the network society, which uses the internet as the main tool to communicate and organize themselves, information is produced and disseminated democratically. Mobile apparatus, such as laptops, cell phones and tablets, and social networks, like Facebook and Twitter, are instruments which facilitate the deeds of activists by reaching a great number of internet users instantly and simultaneously. In this Age of Information Technology, the social networks are the starting points for social mobilizations.

Keywords: Activism; mobilization; social networks; network society.

¹ Graduada em Rádio e TV pela Faculdade de Comunicação e Marketing da Fundação Armando Alvares Penteado, pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira. E-mail: adrielecassiano@hotmail.com.

Resumen: Aunque muchos pensadores consideran que el Internet es una forma que aísla al individuo, en los últimos años, este medio se utilizó para unir a la gente hacia el mismo objetivo con los movimientos a partir de las redes sociales. En la sociedad en red, como la principal herramienta que utiliza el internet para comunicarse y organizarse, la información se elabora y difunde democráticamente. Los dispositivos móviles como portátiles, teléfonos celulares y *tablets*, y las redes sociales, como *Facebook* y *Twitter*, son instrumentos que facilitan la acción de activismo para alcanzar instantáneamente y simultáneamente un gran número de usuarios de internet. En la Edad de la Tecnología de la Información, las redes sociales son puntos de partida para las movilizaciones sociales.

Palabras clave: Activismo; movilización; redes sociales; sociedad en red.

SUMÁRIO

I. Introdução	08
II. Sociedade em Rede	09
1. Ativismo na sociedade em rede	12
2. Ativismo a partir das redes sociais	15
III. Pesquisa de Campo — A Mobilização do “Churrascão da Gente Diferenciada”	18
1. Análise de publicações midiáticas sobre o “Churrascão”	19
IV. Considerações Finais	21
V. Referências Bibliográficas	24

Lista de Figuras

Figura 1: Jovens dão mais valor a internet que a namoro, moradia e carro	10
--	----

Lista de Tabelas

Tabela 1: Redes sociais	16
-------------------------------	----

I. Introdução

O final do século XX e o início do XXI são marcados pela Era da Informação, período em que todos buscam, justamente, informação, trabalham com ela e para ela. Este novo milênio ficou caracterizado com a presença das tecnologias da informação como extensões e amplificadores da mente humana. “A rede é a mensagem”, afirma o sociólogo espanhol Manuel Castells (2003, p. 07), ao fazer uma analogia com os estudos do filósofo e educador canadense Marshall McLuhan; para este, o **meio é a mensagem**, ao se referir aos meios de comunicação como extensões do homem. E, assim, migramos do mundo de comunicação da “Galáxia de Gutemberg” (CASTELLS, 2003: p. 08), com a difusão da máquina impressora, para a “Galáxia da Internet” (CASTELLS, 2003: p. 08), com uma sociedade toda interconectada na rede.

Atualmente, a internet faz parte integral da vida do ser humano. Apesar de ainda lutarmos no Brasil pela inclusão digital, essa ferramenta revolucionou a forma de pensarmos, agirmos, comunicarmo-nos, organizarmos, relacionarmo-nos. Além disso, essa tecnologia possibilitou a democratização da informação, pois, agora, cidadãos comuns têm um espaço para serem ouvidos, já que ela possibilita a participação do usuário, que deixa de ser passivo, como acontecia em outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão. Embora muitos pensadores defendam que a internet pode conduzir ao isolamento social, as redes sociais são plataformas que podem servir para unir internautas com ideais semelhantes.

A internet foi criada justamente para a troca de informações *on-line*. Pesquisadores, na década de 1960, estimulavam o desenvolvimento do *software* em computação interativa, a partir de um programa de pesquisa militar dos Estados Unidos. Como a internet tem como principal característica descentralizar a informação, diferente dos outros meios de comunicação, o Departamento de Defesa Americano, na época em que acontecia a Guerra Fria, desenvolveu essa ferramenta como uma forma de proteger o sistema de comunicações contra ataques soviéticos. Mesmo que tenha recebido financiamento bélico, a internet surgiu sem interesses comerciais ou apropriações estatais e foi desenvolvida por cientistas e técnicos norte-americanos e de outras nacionalidades — principalmente europeus.

Mas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi na década de 1990 que a internet realmente passou a existir, graças ao desenvolvimento do

sistema “*world wide web*”, conhecido como “*www*”, uma teia global infinita que forma uma rede de informações *on-line* e conecta o mundo. É nesse ciberespaço, a partir de redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, que ativistas encontraram uma forma de alcançar, instantaneamente, o maior número de pessoas para organizar uma mobilização social.

Muitas manifestações que, atualmente, começam em páginas virtuais se estendem para as ruas, e esse tem sido o grande tormento das autoridades mundiais. Em 2011, por exemplo, a Primavera Árabe mostrou que as manifestações através das redes sociais são essenciais para a criação de uma situação política em questionamento aos ditadores. Diante de um regime autoritário, cidadãos do Egito e da Líbia encontraram na internet um espaço para discutir e se unir contra o governo. Tais mobilizações colocaram em xeque ditadores que estavam há décadas no poder.

A eficácia desses ativismos, que começaram na internet, existe graças ao território *on-line* democrático e livre, em que as pessoas podem se expressar e criar debates. Na Era da Tecnologia da Informação, usuários ativos não são apenas meros receptores de informações, eles são também produtores de conteúdo e dissipadores de ideias. Neste novo milênio, lutas, questionamentos, assentimentos ou ainda dissensões, podem ser feitos a partir dessa ferramenta universal, a internet. Como define Castells (2003: p. 114): “o ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques”.

II. Sociedade em Rede

Em qualquer lugar em que uma pessoa esteja é possível que ela fique conectada ao mundo, seja com o trabalho, com as relações afetivas, com as economias, com as notícias nacionais e internacionais. Tudo isso só é exequível graças à criação de uma tecnologia que age sobre a informação — a internet — e também ao desenvolvimento dos aparelhos tecnológicos móveis multifuncionais que permitem essa conexão imediata. Esse meio de comunicação foi totalmente acoplado pela sociedade do século XXI que, atualmente, não consegue viver sem ela.

Uma pesquisa com jovens de até 30 anos de 14 países, realizada recentemente pela empresa de tecnologia Cisco e divulgada no *site* do jornal *Folha de S. Paulo*, mostrou que a internet é tão importante quanto água, comida e moradia; essa foi a afirmação de três em cada cinco estudantes e jovens profissionais do Brasil. Eles afirmaram, ainda, que, entre ter acesso à rede ou ter um carro próprio, a maioria prefere a opção da navegação *on-line*. Quanto à comparação com outras atividades, 72% dos universitários brasileiros preferem acessar a internet a sair com os amigos, ouvir música ou namorar.

COMPORTAMENTO ON-LINE Internet tem importância “vital” para universitários

ENTRE INTERNET E
OUTRAS ATIVIDADES EM %

	Total	Maior preferência pela rede		Menor preferência pela rede	
		Brasil	China	Japão	França
Internet	40	72	59	24	7
Sair com amigos/festas	25	17	21	25	28
Encontro	13	7	6	10	54
Música	10	2	4	13	6
Nenhuma das alternativas	12	2	11	29	5



Figura 1: Jovens dão mais valor a internet que a namoro, moradia e carro².

A organização *Internet World Stats*, responsável pelo monitoramento do crescimento da internet em todo o planeta, registrou um aumento de 450% de uso em onze anos, já que, no final do ano 2000, havia cerca de 360 milhões de acessos, e, em março de 2011, foram mais de 2 bilhões de usuários, o que equivale a 30,2%

² FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/978270-jovens-dao-mais-valor-a-internet-que-a-namoro-moradia-e-carro.shtml>.

da população mundial. Apesar do crescimento acelerado de novos internautas, essa porcentagem ainda é distribuída desigualmente pelo mundo: enquanto na América do Norte a penetrabilidade da tecnologia na população é de 78,3%, na África apenas 11,4% da população tem acesso à rede mundial de computadores.

Embora o acesso ainda seja limitado para a população mundial e a distribuição irregular, a internet já mostra ser um meio tecnológico em potencial para a sociedade civil global, que a emprega como uma ferramenta transformadora e também em constante transformação.

Essa sociedade, denominada por Castells (2007: p. 21) como “sociedade em rede”, utiliza as tecnologias de informação e comunicação para se articular socialmente. As tecnologias, bem como a internet, são instrumentos sempre em processo de desenvolvimento graças à mente humana, que é força direta de produção capaz de, conseqüentemente, alterar a forma que a própria sociedade interage e se organiza entre si. Afinal, “a internet é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são” (MORAES, 2004: p. 273).

A sociedade em rede é caracterizada por invalidar o tempo e o espaço, já que há uma mistura de tempos dentro dos canais de comunicação e também uma instantaneidade da informação com alcance múltiplo. Essa sociedade está em constante mudança, com fluidez organizacional, adaptável, dinâmica, suscetível a inovações, aberta para o desenvolvimento e para o novo e com mais velocidade do que no passado. As atividades humanas, sejam elas no campo político, cultural, econômico, são hoje moldadas a partir dessa tecnologia da informação e mantêm uma interdependência global.

A rede de comunicação que move a sociedade é um conjunto de nós conectados com mesmos códigos, que se integram e se expandem de forma ilimitada, possibilitando a comunicação entre os usuários. Muitos desses usuários são também produtores dessa tecnologia, pois eles acabam aprendendo a desenvolver esse instrumento, utilizando-o e fazendo-o. Deste modo, qualquer um contribui para o seu aprimoramento na criação de conteúdo interativo de comunicação. Esse processo de constante desenvolvimento do sistema tecnológico vem desde o seu surgimento e ainda acontece nos dias atuais. Afinal, os códigos da

internet foram e continuam sendo códigos abertos, para que essa seja uma tecnologia em constante inovação, um instrumento de comunicação livre.

Nesse contexto, a internet pode ter potencial para se tornar uma “mídia radical”, como define o sociólogo especialista em comunicação John D. H. Downing (2001: p. 33). Essa mídia alternativa oferece a expansão da informação, da reflexão e da troca, diferente da mídia convencional hegemônica, que impõe e manipula tudo isso, depende apenas de como ela é usada.

Sendo assim, como toda a informação está na rede e qualquer cidadão pode utilizá-la para se expressar, os ativistas se apropriaram dessa nova mídia para disseminar informação, organizar e mobilizar a população, mas Castells (2003: p. 114) levanta uma questão pertinente:

O ciberespaço torna-se um terreno disputado. No entanto, será puramente instrumental o papel da Internet na expressão de protestos sociais e conflitos políticos? Ou ocorre no ciberespaço uma transformação das regras do jogo político-social que acaba por afetar o próprio jogo — isto é, as formas e objetivos dos movimentos e dos atores políticos?

Afinal, quais são as características das mobilizações sociais produzidas pela sociedade em rede? Como os ativistas utilizam a internet para informar, organizar e recrutar? Como um internauta pode se transformar em um ativista a partir das redes sociais?

1. Ativismo na sociedade em rede

Na Era da Informação, da globalização e do desenvolvimento tecnológico, a sociedade em rede se organiza de uma nova forma, luta por diferentes conflitos e objetivos e possui novas demandas, se comparada a épocas anteriores, quando não havia a presença, principalmente, da internet. Nas últimas décadas, os movimentos sociais não se limitaram apenas à política, à religião ou às questões socioeconômicas e trabalhistas, como no passado. No novo milênio, a sociedade em rede luta por reconhecimento, identidade cultural, inclusão social, além dos movimentos sociais globais. Mesmo as lutas sociais tidas como tradicionais ainda estão presentes, mas elas ressurgem reconfiguradas, com novas propostas e objetivos, como, por exemplo, o movimento social indígena, que assume não apenas um caráter de resistência, mas também luta por direitos, como o reconhecimento e respeito às suas culturas e escolarização da própria língua.

Movimentos de camadas populares agora dividem espaço com movimentos sociais de outras camadas, como a dos ambientalistas, das mulheres, dos gays. Tais movimentos não lutam por resultados tão calculados, como o dos operários; os movimentos da sociedade em rede são, essencialmente, de valores culturais e não têm um objetivo concreto em que o Estado possa intervir. São mobilizações que buscam maior visibilidade, identidade social e respeito perante o resto da população. Os ativistas desses movimentos sociais utilizam a internet para expandir suas ideias e alcançar mais adeptos às manifestações.

Neste contexto, os movimentos discutidos na nova mídia acabam ultrapassando as fronteiras do país de origem pelo alcance ilimitado da informação. Diferente das mídias hierárquicas, que manipulam informações de acordo com os próprios interesses, nessa mídia alternativa qualquer pessoa pode se expressar igualmente. Assim, apesar dos movimentos sociais agirem localmente, eles têm alcance e impacto globais. Um exemplo de manifestação de grande impacto foi um movimento criado, em setembro de 2011, contra a corrupção no Brasil. A população se organizou por meio de redes sociais e, com data e hora marcadas, saiu às ruas para protestar contra esse ato presente no cenário político — a corrupção. Outro exemplo, agora de impacto internacional, foi a manifestação contra a crise econômica global, conhecida como “*Ocupe Wall Street*”. As mobilizações também começaram através de redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *blogs*, também em setembro de 2011, e os protestos dos chamados indignados foram aderidos por diversos países da Europa e da Ásia, os “organizadores das marchas” acreditavam “que manifestações sejam realizadas em até 951 cidades de 82 países”³.

Sendo assim, a internet é mais do que um mero instrumento tecnológico dos movimentos sociais:

Ela [internet] se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada. (CASTELLS, 2003: p. 115)

A internet é um meio de comunicação e também a infraestrutura de uma organização que se tornou indispensável para o tipo de movimento social que

³ G1. “Indignados” se mobilizam para realizar protestos em 82 países. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/indignados-se-mobilizam-para-realizar-protestos-em-82-paises.html>.

emerge nos dias contemporâneos na sociedade em rede. Ao mesmo tempo em que a sociedade se modifica através dos movimentos sociais, a internet se transforma junto com essa sociedade.

Além de todas as modificações ocorridas na sociedade em rede quanto à nova forma organizacional do movimento social no novo milênio, a socióloga Maria da Glória Gohn afirma que alguns estudiosos teorizam o termo “movimento social” — também chamado de “associativismo” — como sendo uma organização do passado, e que, no Brasil, são os ativistas — ou mobilizadores — que estão presentes atualmente:

A categoria movimento social tem sido substituída, na abordagem de vários analistas, pela de mobilização social, que também gera uma sigla M.S., voltada para a ação coletiva que busca resolver problemas sociais, diretamente, via a mobilização e engajamento de pessoas. (GOHN, 2010: p. 28)

Contudo, Gohn defende que a mobilização não domina completamente a cena nem há um fim do movimento social; eles podem, muitas vezes, entrecruzarem-se:

Os dados empíricos indicam-nos que essas duas modalidades continuarão a existir por muito tempo. São duas formas de protagonismo civil que atuam segundo polos diferenciados da ação sócia — uma trabalha o campo do conflito e a outra o campo da cooperação e integração social. (GOHN, 2010: p. 27)

Com a rede de comunicação, o ativismo ganha vida, significado e dinâmica própria e deixa de ser apenas uma categoria do movimento social institucionalizado. A internet facilita o acesso à informação com maior velocidade, característica que torna as organizações tradicionais estruturadas, formais e permanentemente desnecessárias, já que, com apenas alguns cliques, é possível atingir e ter retorno de muitos internautas, que também se tornam ativistas. Sem uma organização profissional tradicional, não há uma entidade central enraizada, uma estrutura de base e comando, uma legitimação institucional, uma estruturação organizada, mas isso não significa que a mobilização se perca.

Entretanto, uma organização iniciada na internet pode ser facilmente aquecida quanto esquecida. No campo virtual, as mobilizações sociais são semiespontâneas, efêmeras, com coalizões frouxas, as decisões são tomadas por consenso, não há regras nem enquadramentos. Isso é resultado da sociedade em rede, ou também pelo que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001: p. 07)

chama de “sociedade líquida”, em que tudo é efêmero, passageiro, líquido. Muitas das mobilizações da Era da Tecnologia da Informação não têm bases fortalecidas e, por isso, são aderidas com facilidade e também descartadas com rapidez, mas nem por esse motivo elas deixam de alcançar os próprios objetivos. Afinal, tanto a internet quanto muitas das propostas ativistas são assim: líquidas. É, principalmente, a partir das redes sociais, que é permitido que esses ativismos espontâneos aconteçam.

2. Ativismo a partir das redes sociais

“Postar”, “twitter”, curtir, comentar, compartilhar, seguir! Essas são algumas das linguagens criadas e ações realizadas nas redes sociais existentes atualmente como o *Facebook*, o *Twitter*, o *Orkut* — as mais utilizadas pelos brasileiros.

A rede social é um espaço virtual que não deixa de ser real, mas sim imaterial, um território estruturalmente descentralizado que transpõem as fronteiras da nação e atinge o global. Essas redes são tecidas pelos atores sociais, ou seja, é a partir da relação entre os usuários que elas se constroem. Apesar de cada rede social ter suas regras próprias, ela se torna apenas uma ferramenta, já que o conteúdo produzido nela depende completamente da participação dos usuários. Por isso, a rede é flexível, reversível, pode se modificar, trocar, reprogramar, é uma construção coletiva, horizontal, multifacetada, compartilhada. Isso a torna um local sem hierarquia, uma vez que todos têm os mesmos direitos no campo virtual da rede social e é, nesse local, que os ativistas encontram espaço para disseminar pensamentos livremente e atingir pessoas de diversos locais para transformar ideias em ações coletivas.

A socióloga Gohn (2008: p. 445) lembra, em seu dossiê, que as “[...] *redes sociais* passam a ter, para vários pesquisadores, um papel até mais importante que o *movimento social*. Mas eles a redefinem como *redes de mobilização social*”.

Algumas das principais características das redes sociais, como destacam os jornalistas Osvaldo León, Sally Burch e Eduardo Tamayo, no livro *Movimientos Sociales en la Red*, feito a partir dos estudos de Manuel Castells são:

Redes sociais	
Atributos	Características
Flexibilidade	Tecidas por atores que as constituem. Construção-desconstrução permanentes.
Horizontalidade	Descentralizadas, sem hierarquia.
Interconexão	Fluxos multidirecionais de informação.
Articulação	Possibilitam ações coletivas.
Multiplicação	Impulsionam forças isoladas e dispersas.
Intercâmbio	Fundamentam-se com valores compartilhados.

Tabela 1: Redes sociais. (LEÓN; BURCH; TAMAYO, 2001: p. 80, tradução minha)

Enquanto para os autores acima as redes sociais são instrumentos com qualidades para as mobilizações sociais, para o jornalista britânico Malcolm Gladwell (2010) “a revolução não será tuitada” — título de seu texto.

Gladwell afirma que a falta de hierarquia nas redes sociais dificulta o desenvolvimento efetivo de uma mobilização social séria:

As redes não são controladas por uma autoridade central e única. As decisões são tomadas por consenso, e os vínculos que unem as pessoas ao grupo são frouxos. [...] As redes sociais são eficazes para ampliar a participação — mas reduzindo o nível de motivação que a participação exige. (GLADWELL, 2010)

Para Gladwell, é importante que uma mobilização com objetivo de combater um sistema poderoso e organizado tenha uma hierarquia para pensar estrategicamente na ação, caso contrário, ela fica suscetível a conflitos e a erros. Ele acredita que as redes sociais podem até serem flexíveis, adaptáveis, fáceis e rápidas, mas os vínculos a partir das redes são fracos e raramente conduzem a um ativismo mais denso, longo, e não imediato. Para ele, a rede serve para um tipo específico de causa.

Neste mundo sem hierarquia, tornar-se um ativista a partir das redes sociais parece ser fácil já que o campo virtual é livre e democrático, mas essa facilidade não implica que qualquer indivíduo possa ser atuante e condutor de uma

mobilização. O ativista precisa apontar um tema socialmente relevante, expressar os próprios pensamentos, reforçar na articulação, ser criativo, manter laços de inter-relação. Ele precisa também ser informado, ter conhecimento do que defende e, ainda, ter atitude em propor alguma ação de ativismo, persuasão para fazer que os internautas se tornem seus aliados e para motivá-los a participar da mobilização.

O que facilitou a comunicação entre usuários e ativistas foi a possibilidade de acesso a essas páginas virtuais em qualquer lugar em que se esteja. Com o desenvolvimento de aparelhos tecnológicos móveis (celulares, *notebooks* e *tablets*) e plataformas de redes compatíveis a esses aparelhos, a conexão pode se tornar constante e de fácil acesso. Assim, a transmissão para suscitar questões e forçar um debate é instantânea e o retorno é imediato.

Todavia, as mobilizações não são feitas apenas no campo virtual, através do computador, *tablet*, *notebook* ou celular. Elas não devem se limitar somente a protestos *on-line*. A rede social é um local para debates, sim, porém ainda é a partida inicial da batalha, e, para ganhar essa luta, é preciso ir às ruas para protestar. Os ativismos começam nas cibercomunidades, mas se estendem para o campo físico, na tentativa de conquistarem seus ideais.

A internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestações, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações (empresas, por exemplo) por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública. (CASTELLS, 2003: p. 117)

Um bom exemplo de ativismo no Brasil a partir das redes sociais, realizado em maio de 2011 e que tomou rapidamente grande proporção e alcance midiático, foi o “Churrascão da Gente Diferenciada” em São Paulo. Essa ação teve início por meio de trocas de mensagens entre usuários do *Facebook* sobre o cancelamento da construção de uma estação de metrô no bairro Higienópolis, após moradores da região, que eram contra a obra, alegarem que a criação da estação naquela localidade atrairia “diferenciados” na região. Despertaram-se, então, inquietações e revoltas democratizantes de uma parte da população que saiu às ruas para protestar contra os moradores elitistas do local.

III. Pesquisa de Campo — A Mobilização do “Churrascão da Gente Diferenciada”

A suposta e futura estação “Angélica Linha 6 – Laranja” do metrô em São Paulo causou muita polêmica e levantou muitos debates entre a população, principalmente quando o governo confirmou que iria estudar tecnicamente a mudança do local da estação na Av. Angélica. Na intenção de impedir que a obra fosse realizada naquele local, um abaixo-assinado elaborado pela Associação Defenda Higienópolis afirmava que, em um raio de 600 metros do local, já existiam mais quatro estações e que, se a construção ocorresse, deveria ser feita próximo à Avenida Pacaembu, e que a obra aumentaria o fluxo de pessoas “diferenciadas”, popularizando o bairro, como se referiu a moradora da região e psicóloga Guiomar Ferreira para a matéria da *Folha de S. Paulo*.

Muitas pessoas, indignadas com o ocorrido, manifestaram nas redes sociais suas revoltas contra a possibilidade de cancelar a construção do metrô na região, pelo fato disso contribuir com o aumento de “diferenciados” no local. A notícia logo virou piada na internet e, o que começou com uma brincadeira na rede virtual contra o elitismo abusivo, tornou-se algo grandiosamente sério.

O ativista e jornalista Danilo Saraiva teve, então, a ideia de criar uma mobilização no *Facebook*, denominada como “Churrascão da Gente Diferenciada”, a favor do metrô em Higienópolis e contra os moradores que defendiam que o transporte poderia popularizar o bairro. O convite na página do evento do *Facebook* era feito com bom humor:

Como nosso bom senso não é o forte, promoveremos agora um churrascão em frente ao shopping Higienópolis para mostrar que os ricos não chegam aos pobres, mas os pobres, sim, facilmente chegam aos ricos. Leve farofa, carne de gato, cachorro, papagaio, som portátil, carro tunado e tudo o que sua consciência social permitir. Afinal a rua é pública, e o Higienópolis não está separado por muros. (SARAIVA, 2011)

Essa tal “brincadeira” foi logo ganhando grande proporção e muitos debates. Mais de 55 mil internautas do *Facebook* confirmaram, em menos de uma semana, a presença na mobilização marcada para o dia 14 de maio de 2011, entre as 14h e 22h30.

Nos dois dias anteriores à data marcada para o evento, o ativista decidiu cancelar a mobilização, alegando que a Polícia Militar e a Companhia de Engenharia

de Tráfego estavam preocupadas, pois a grande quantidade de pessoas nas ruas iria obstruir a passagem de vias públicas. Porém, depois, de algumas horas e muitos pedidos, Saraiva remarcou o tal “Churrascão”.

Na data marcada, cerca de 900 pessoas compareceram à mobilização nas ruas do bairro Higienópolis. O ativismo pacífico e livre de partidos não só conseguiu que a prefeitura de São Paulo retomasse a ideia de construir a estação de metrô Angélica, que agora ficará entre as Ruas Sergipe e Bahia, a uma quadra da Av. Angélica, como também o Ministério Público afirmou que vai investigar as intenções por trás do tão falado cancelamento da estação Angélica.

1. Análise de publicações midiáticas sobre o “Churrascão”

Sob a ótica de diversas mídias *on-line*, o “Churrascão da Gente Diferenciada” foi visto de diversos ângulos, com análises e publicações diversificadas sobre o evento. Para examinar como foi feita a cobertura e debate deste fato na blogosfera, foram escolhidos dois portais midiáticos com características e públicos diferentes: *O Globo* (mídia tradicional e conservadora) e *Vi O Mundo* (mídia alternativa e independente).

O jornal impresso, e também eletrônico, *O Globo*, fundada no Rio de Janeiro em 1925 pela família Marinho (dona de diversas mídias como a TV Globo, Rádio Globo, Rádio CBN), não deixou de cobrir as notícias da capital paulista. Além das matérias que noticiavam o fato, colunistas e blogueiros de *O Globo* abordaram pautas diversificadas em suas páginas sobre o assunto. No blog do *Ancelmo.com* — *a turma da coluna*, o jornalista Aydano André Motta postou sobre o “Churrascão” no mesmo dia em que a polêmica da expressão “diferenciada”, utilizada pela moradora do bairro Higienópolis, atingia as redes sociais, se tornava no *Twitter* o tópico mais popular do dia no Brasil e virava mobilização no *Facebook*. Mas, com um olhar pessimista quanto às mobilizações nas redes sociais, o jornalista termina o texto com a seguinte frase: “a internet às vezes nos dá esperança. Às vezes” (MOTTA, 2011).

Ainda no portal *O Globo*, no *Blog da Maria Helena*, o texto “Preconceito à flor da pele” (RAMIREZ, 2011), escrito por Elza Ramirez, teve um viés mais crítico ao ativista Danilo Saraiva, ao referi-lo como autor de uma brincadeira que não mediu as consequências ao fazer uma montagem fotográfica do tal churrasco, usando uma

imagem do ex-governador paulista José Serra, e não do atual, Geraldo Alckmin. Ela também criticou os internautas que debateram sobre o assunto nas redes sociais, destacando os preconceitos feitos aos judeus, já que o bairro congrega uma das maiores comunidades judaicas da capital paulista.

Já o *Blog do Noblat*, ainda no portal *O Globo*, foi o que teve mais postagens sobre o assunto: quatro, ao todo. Duas das matérias apenas citavam o ocorrido; uma delas definia, no título, o evento como um sucesso. As outras duas falavam indiretamente sobre o “Churrascão”. Uma, intitulada como “Rede social é um perigo...” (NOBLAT, 2011), mostrava os cuidados que as pessoas públicas devem ter ao se expressar virtualmente, como foi o caso, citado na matéria, do comediante Danilo Gentili, que fez uma piada considerada de mau gosto sobre o público judeu que mora em Higienópolis; assim, o comediante foi tachado como preconceituoso. Outra matéria, também no *Blog do Noblat*, foi postada pelo ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu, que discutia sobre o resultado do voto eleitoral na Espanha e sobre o movimento 15 de Maio, organizado pela população espanhola a partir de redes sociais. Dirceu aproveitou para citar a repercussão do “Churrascão da Gente Diferenciada” e a importância da *web* como uma ótima ferramenta para mobilizações populares. Para ele, o que acontece na internet hoje deve também ser analisado pelos governantes e afirma que “o enorme potencial da mobilização pela internet resulta em um embaralhamento saudável do jogo político, que só tem como resultado fortalecer a democracia no Século 21” (DIRCEU, 2011).

Já, as páginas da mídia *on-line* independente *Vi o Mundo*, comandada pelo jornalista Luiz Carlos Azenha, traziam textos com uma visão mais reflexiva e positiva quanto ao evento do “Churrascão” feito a partir das redes sociais.

Em uma das publicações de Luiz Carlos Azenha, levanta-se a questão de que a ampliação da obra do shopping Higienópolis piorou de vez o trânsito no bairro, mas que, aparentemente, ninguém se organizou contra isso, como ocorrido com o episódio do metrô (AZENHA, 2011). Em outra pauta, Azenha discute os argumentos propostos pela Associação Defenda Higienópolis de que não haveria necessidade de construir duas estações de metrô próximas (com apenas 600 metros de distância), entre a suposta estação na Av. Angélica e a estação Mackenzie. Azenha aponta o incentivo para o uso do transporte público, como é feito em Nova York, onde há estações com distância de menos de 200 metros, e que aqui deveria ser

calculada a necessidade da estação na Av. Angélica através dos interesses do conjunto de sistema e da cidade (AZENHA, 2011).

No texto “As redes sociais e os interesses públicos” (AZENHA, 2011), Azenha debate sobre a importância da sociedade em se apropriar dessa potencial mídia para os interesses públicos. Enquanto o jornal impresso exibe matérias que soam impessoais, a blogosfera e a rede social são espaços de expressão em tom pessoal, testemunhal, com interação imediata. Na blogosfera, comentários de leitores podem virar notícia de primeira capa. Para ele, o episódio do metrô “talvez tenha sido o resultado mais positivo: demonstrar para algumas dezenas de milhares de pessoas que elas podem e devem influenciar as políticas públicas, sempre” (AZENHA, 2011).

Em outro texto, Azenha mostra a força dessa mídia, um meio com via de várias mãos, horizontal, transparente, sem censura, em que leitores agora são também produtores e “pulverizadores” de informação, ao opinarem ou apenas compartilharem textos que julgam interessantes para os amigos. Sobre o “Churrascão”, Azenha aponta:

Os colunistas de jornal que foram ao protesto miraram no particular (a suposta falta do “povão” na manifestação) e perderam o essencial: as redes sociais são muito eficazes para promover o que eu chamaria de “coalizão de vontades”. (AZENHA, 2011)

As alianças descentralizadas e apartidárias entre internautas se fortalecem com as redes sociais e os interesses pelas políticas públicas crescem.

IV.Considerações Finais

Foram mais de 55 mil internautas, entre moradores de São Paulo, fora do Estado e ainda fora do país, que confirmaram presença na página do evento “Churrascão da Gente Diferenciada”, no *Facebook*, mas apenas cerca de 900 pessoas marcaram, de fato, presença nas ruas, o equivalente a uma média de 1,6% de 55 mil. Mesmo que este seja um número expressivamente pequeno, a internet foi a ferramenta necessária para que o cidadão de qualquer parte do Brasil e do mundo pudesse refletir sobre o problema civil e, ainda, opinar, compartilhar, ou apenas ter conhecimento dos fatos. O ativismo dos “diferenciados” serviu de pauta para pensarmos além do caso em Higienópolis, mas na infraestrutura de todo o país.

Contudo, sair às ruas ainda é um ato muito importante de ativismo **a partir** das redes sociais e que não deve ficar restrito a um ativismo **apenas** nelas, já que, com somente um clique, ao confirmar a presença, por exemplo, na mobilização no *Facebook*, não é o suficiente para mudar ou reverter uma situação. Limitar-se ao campo virtual acaba não trazendo resultados satisfatórios para uma mobilização que envolva outros grupos ou entidades na decisão final. Sair às ruas ainda fortalece a mobilização, causa pressão, ou até mesmo reflexão, à oposição e, assim, tem maior propensão a conquistar o objetivo protestado.

A internet na vida da sociedade em rede mostra que ela é mais do que apenas uma ferramenta gerencial e organizacional: é também o espelho do ser humano, ao refletir todas as ações dele além do campo virtual. Deste modo, como o reflexo se altera conforme os movimentos da sociedade em rede, esse instrumento ganha vida e se transforma mutuamente junto com essa sociedade.

Uma das principais vantagens da internet é a de ser um espaço livre para se expressar, diferente da liberdade dita das grandes mídias que, na verdade, filtram, omitem e manipulam informações. A liberdade de expressão da internet deve ser preservada, afinal, é com ela que as mobilizações ganham espaço e o jornalismo alternativo se mantém. Para que as mobilizações a partir da rede social cresçam e se fortaleçam, é necessário lutar também por outros ideais como: estender o acesso virtual igualmente a toda população, bem como aumentar a banda larga e de qualidade para todos, e ainda lutar contra qualquer tipo de censura dos poderes públicos ou corporativos da internet.

Ao mesmo tempo em que a internet é benéfica para os movimentos populares, é importante lembrar que ela é uma via de mão dupla, já que todos podem ter acesso a ela, inclusive os governos. A mobilização a partir das redes sociais pode, dessa maneira, facilitar também o trabalho das autoridades, quando estas monitoram as conversas nas redes, e se tornar uma fonte para colher dados para arquitetar contrainsurgências, podendo, então, destruir as mobilizações. Todavia, as mobilizações têm caminhos e resultados diferenciados, conforme a desempenho da nação e do sistema político.

Nesta nova Era, em que a sociedade em rede é bombardeada de informações a todo tempo, as mobilizações se tornam, junto com as características da sociedade, efêmeras, velozes, semiespontâneas. A falta de hierarquia e de uma organização institucional não atrapalha este tipo de mobilização social da sociedade

em rede, que luta principalmente pela afirmação da identidade, pelo respeito à diversidade ou, ainda, por interesses públicos.

Há estudiosos que defendam ser possível o sucesso de uma mobilização social a partir das redes sociais; outros acreditam que, através desse meio de comunicação, isso não é possível. Polêmicas à parte, não há uma resposta exata e fechada quanto ao desempenho das mobilizações a partir das redes sociais. Essa questão fica em aberto, já que está em constante mudança, em desenvolvimento e transformação, bem como acontece com a sociedade em rede e com a internet.

V. Referências Bibliográficas

AGÊNCIAS INTERNACIONAIS. “Indignados” se mobilizam para realizar protestos em 82 países. **G1**. 15 de out. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/indignados-se-mobilizam-para-realizar-protestos-em-82-paises.html>>. Acesso em: 18 out. 2011.

AZENHA, Luiz Carlos. FHC, o Facebook e a “coalizão de vontades”. **VI O MUNDO**. 20 de maio 2011(a). Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/fhc-o-facebook-e-a-coalizao-de-vontades.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Higienópolis: o churrascão da “gente diferenciada”. **VI O MUNDO**. 11 de maio 2011(b). Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/humor/higienopolis-o-churrascao-da-gente-diferenciada.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. As redes sociais e o interesse público. **VI O MUNDO**. 14 de maio 2011(c). Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/as-redes-sociais-e-o-interesse-publico.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Agora, a sério, sobre a estação Higienópolis. **VI O MUNDO**. 12 de maio 2011(d). Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/opiniao-do-blog/agora-a-serio-sobre-a-estacao-higienopolis.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRUNING, Felipe Vanini. Jovens dão mais valor a internet que a namoro, moradia e carro. **Folha de S. Paulo**. 21 de set. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/978270-jovens-dao-mais-valor-a-internet-que-a-namoro-moradia-e-carro.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede — A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DIRCEU, José. O paradoxo espanhol. **O GLOBO**. Blog do NoBlat. 27 de maio 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/05/27/o-paradoxo-espanhol-382803.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2001.

GLADWELL, Malcolm. A revolução não será tuitada. **Observatório da Imprensa**. 14 de dez. 2010. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-revolucao-nao-sera-tuitada>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina**. Dossiê. Caderno CRH, Salvador, 2008. v. 21, n. 54, p. 439 – 455. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n54/03.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.

_____. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

INTERNET WORLD STATS. **Estatísticas de uso da internet pela população mundial**. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 26 set. 2011.

LÉON, Osvaldo; BURCH, Sally; TAMAYO, Eduardo. **Movimientos Sociales en la Red**. Quito: Agencia Latinoamericana de Información, 2001.

MORAES, Dênis de (org). **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. p. 255–287.

MOTTA, Aydano André. Gente diferenciada. **O GLOBO**. Ancelmo.com: a turma da coluna. 15 de maio 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2011/05/11/gente-diferenciada-379810.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

NOBLAT, Ricardo. Bairro nobre de São Paulo rejeita estação de metrô. **O GLOBO**. Blog do Noblat. 12 de maio 2011(a). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/05/12/bairro-nobre-de-sp-rejeita-estacao-de-metro-379850.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Rede social é um perigo... **O GLOBO**. Blog do Noblat. 13 de maio 2011(b). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/05/13/rede-social-um-perigo-380166.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Sucesso o “Churrascão da Gente Diferenciada” em SP. **O GLOBO**. Blog do Noblat. 14 de maio 2011(c). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/05/14/sucesso-churrascao-da-gente-diferenciada-em-sp-380147.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

RAMIREZ, Elza. Preconceitos à flor da pele. **O GLOBO**. Blog da Maria Helena: sobre isso e aquilo... 20 de maio 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariahelena/posts/2011/05/20/preconceitos-flor-da-pele-381549.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

SARAIVA, Danilo. Churrascão da gente diferenciada. **Facebook**. 2011. Disponível em: <<http://www.facebook.com/events/114458621971272/>>. Acesso em: 28 out. 2011.